

Marta versus Neymar. A “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016¹

Leda Costa²

Resumo.: Os Jogos Olímpicos de 2016, sediados no Rio de Janeiro, capitalizaram forte atenção midiática, o que representou a oportunidade de visibilidade a modalidades que não integram de modo frequente o noticiário esportivo nacional. Uma dessas modalidades é o futebol de mulheres. Este artigo tem como objetivo fazer uma análise da cobertura midiática da participação da seleção feminina de futebol nos Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Brasil. Pretende-se focar a construção da imagem de Marta, a principal jogadora da seleção, feitas pelo jornal *O Globo* e *Folha de São Paulo*.
Palavras-chave.: Futebol Feminino; Marta; Jogos Olímpicos 2016; Neymar

Marta e suas sombras

Na última semana de setembro de 2018, a atacante Marta recebeu da FIFA pela 6ª vez o prêmio de melhor jogadora do mundo. No dia seguinte, a CBF (Confederação Brasileira de Desportos) cobriu a fachada da sua sede com uma foto de Marta acompanhada dos dizeres: “obrigado Rainha! É a única atleta eleita 6 vezes a melhor do mundo”. Entretanto, se entrarmos no museu da CBF localizado no mesmo prédio, pouco encontraremos de referências à história da seleção brasileira feminina de futebol. E não faltam conquistas a serem relatadas. É certo que a seleção ainda não foi campeã mundial, obtendo um 3º lugar, em 1999, e o 2º, em 2007. Mas, são sete títulos da Copa América, um deles conseguido em 2018, e três medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos (2003, 2007, 2015). Isso sem mencionarmos a Libertadores da América, que nas suas 10 edições, sete delas foram vencidas por equipes brasileiras³.

Todas essas competições – recentemente criadas – dão mostras de que, na América Latina, o futebol de mulheres⁴ tem aos poucos, passado por algumas importantes mudanças na direção de uma melhor estrutura que possibilite seu desenvolvimento pleno

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora visitante da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora do LEME – Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte – UERJ.

³ A Copa Libertadores de Futebol Feminino teve início em 2009, tendo o Santos FC como equipe campeã. Na sequência temos: 2010 (Santos FC); 2011 (São José EC, São José dos Campos); 2012 (Colo-Colo, Chile); 2013 (São José EC, São José dos Campos); 2014 (São José EC, São José dos Campos); 2015 (Ferroviária); 2016 (Sportivo Limpeño, Paraguai); 2017 (Audax/Corinthians, São Paulo); 2018 (Atletico Huila, Colombia).

⁴ Neste artigo também será a usada a nomenclatura “futebol de mulheres” para se referir ao futebol feminino. Produções acadêmicas atuais têm chamado a atenção para o fato de que o termo “futebol feminino” se associa a problemática noção de “feminino” que historicamente representou um forte entrave à participação da mulher no futebol. Sobre esse assunto ver Cláudia Samuel Kessler. *Mulheres na área. Gênero, diversidade e inserções no futebol*. Editora da UFRGS, 2016.

enquanto modalidade esportiva (WOOD, 2018). Porém, ainda falta muito para que se corrija o abismo que historicamente foi criado entre o futebol dos homens e das mulheres no Brasil. Abismo que se faz notar nas páginas do jornalismo esportivo, ou melhor seria dizer, jornalismo futebolístico já que é tomado de notícias sobre futebol, destinando pouca atenção a outros esportes. Fala-se muito sobre futebol, mas em sua versão masculina, deixando-se quase que em silêncio a modalidade feminina.⁵

Como foi dito, a seleção brasileira feminina de futebol foi heptacampeã da Copa América de 2018. Dois dos principais jornais do país deram pouquíssima atenção a essa conquista. O jornal *O Globo* noticiou “Soberanas. Seleção Feminina vence a Colômbia por 3 a 0, confirma 100% de aproveitamento e fatura o heptacampeonato do torneio”. O conteúdo da matéria pauta-se num tom informativo com pouco uso de adjetivos, em que se ressalta o fato de que a seleção havia também conseguido vagas para o Pan-Americano de 2019 e para os Jogos Olímpicos de 2020. Os discursos da emoção – tão comum quando o assunto é futebol – ficou por conta da foto que nos mostra as jogadoras Marta e Mônica abraçadas comemorando o terceiro gol da seleção. Enquanto isso, a primeira página do mesmo caderno é toda ocupada pela cobertura do jogo Fluminense e Cruzeiro na qual se exaltava a vitória do time carioca: “Brasileiro na marra. Com um a menos desde o início, Fluminense suporta a pressão do cruzeiro e, graças à raça e a contribuição de Pedro, conquista sua primeira vitória” (23 abr. 2018).

A *Folha de São Paulo*, por sua vez, beirou o silêncio. Sem fazer uso de fotografia e economizando em espaço⁶, a conquista da seleção feminina foi assim anunciada pelo jornal: “Futebol feminino garante vaga na Olimpíada” (23 abr. 2018, B9). A formulação da notícia prioriza uma informação relativa à participação da seleção nos Jogos Olímpicos de 2020 e não o título da Copa América. Há uma demonstração de que a competição Olímpica é considerada mais importante, o que é igualmente verificável na abordagem de *O Globo*, embora, de modo menos explícito. De fato, foram nos Jogos que a seleção feminina obteve seus melhores resultados, o que pode justificar a expectativa que recobre essa competição. Mas é de se lamentar que nem mesmo um título da seleção nacional tenha feito com que um torneio, exclusivamente voltado para a modalidade, tenha repercutido em notícias.

⁶ Além disso, essa notícia vem na parte de baixo da página da seção de esporte do jornal, tendo sido alocada entre uma matéria sobre os desempenhos de Corinthians e Palmeiras no campeonato Brasileiro e a coluna “Prancheta do PVC”, ambos acompanhados de fotos e de um infográfico.

A seleção das mulheres costuma ganhar visibilidade em competições que por si só capitalizam ampla atenção midiática, como é o caso dos Jogos Olímpicos. Desse mesmo evento, participa a seleção masculina, o que faz com que seu desempenho seja frequentemente usado como uma espécie de fonte comparativa que serve de mote para a construção das narrativas sobre a seleção feminina. Reforça-se assim a tendência de se fazer uso de categorias tradicionalmente masculinas para representar e legitimar o futebol das mulheres (WOOD, 2018, p.578). É emblemático, nesse caso, o apelido “Pelé de Saia” e outras referências comparativas entre a atacante Marta e o mais famoso jogador da história da seleção masculina, Pelé.

À primeira vista, pode nos parecer uma forma de elogio, o que não devemos deixar de levar em consideração. O nome Pelé, no Brasil, pode ser usado como um adjetivo quando se quer enaltecer certa habilidade demonstrada por alguém. Além disso, como aconteceu com Neymar, Pelé foi constantemente acionado como parâmetro avaliador do desempenho daquele jogador⁷. Isso tudo sem mencionar as diversas vezes em que seu nome é lembrado, sobretudo, quando se julga necessário exaltar o futebol brasileiro e detratar o Argentino, recorrendo-se a oposição Pelé *versus* Maradona⁸.

Mas vale problematizarmos um pouco essa questão porque está em jogo a tendência midiática de se construir a imagem de uma jogadora a partir da memória dos homens (MOREIRA, 2013, p.507). É certo que é comum assistirmos comparações como as que ocorrem entre Neymar e Pelé ou Messi e Maradona, porém nesses casos estamos lidando com “um homem se apresentando em um esporte de homens, enquanto Marta se apresenta no esporte como uma estranha mesmo com os dois pés no campo” (MOREIRA, 2013, p.507)⁹. É comum, também, ouvirmos frases como “ela jogou como um homem” sendo reproduzida na fala até mesmo de outras atletas como foi o caso da tenista Devenport que, em 1999, definiu sua adversária, a francesa Amelie Mauresmo, como alguém que “jogava como homem”. A ATP solicitou a Davenport que pedisse desculpas

⁷ Em 2014, Pelé foi perguntado sobre a comparação com Neymar, respondendo que “Não se deve fazer a comparação do Pelé com 17 anos em sua primeira Copa do Mundo com o Neymar com 22 anos em sua primeira Copa do Mundo. Quando fui convocado, caí de paraquedas, como um coadjuvante. Havia grandes jogadores no time. Agora, estão colocando toda a responsabilidade no Neymar e esquecendo as outras posições. É um peso muito grande sobre ele” (Gazeta Esportiva, 27 mai. 2014).

⁸ Sobre esse duelo ver: LOVISOLO, Hugo; HELAL, Ronaldo. Pelé y Maradona: el periodismo y las contradicciones entre los héroes y las sociedades. **efdeportes.com**. Buenos Aires, v.14, n.139, 2009. Disponível em: www.efdeportes.com/efd139/pele-y-maradona.htm. Acesso em: 25 jan. 2018.

⁹ Original: “a man performig in a man’s sports, whereas Marta performs in sports as na outsider even with both feet on the field”.

públicas, o que foi feito pela atleta que se justificou afirmando que sua intenção era elogiar a colega (Folha de São Paulo, 29 jan. 1999).

O fato de até mesmo atletas mulheres reproduzirem aquela frase, muitas vezes, é compreendido como uma espécie de comprovação de que esse tipo de fala estaria apenas expressando o reconhecimento técnico da adversária (STEVENSON, 2015). Mas ocorre o contrário. O fenômeno, exemplificado no caso Davenport, dá mostras do que Franz Fanon chamou de “epidermização da inferioridade” (FENON, 2008). Afinal, dificilmente assistimos a elogios do tipo “você jogou como uma mulher”, frase que aliás, é, frequentemente, dita quando se deseja criticar a performance, sobretudo, de atletas homens. O modo pelo qual se costuma lidar com as duas assertivas, uma tomada como elogio e a outra como uma ofensa, dá mostras do quanto questões vinculadas à desigualdade de gênero são explicitadas nos discursos que rondam as práticas esportivas.

Sendo assim, quando Marta é chamada de a “Pelé de saias”, mesmo acreditando que se está elogiando, significa fomentar a tendência de fazer da performance masculina o paradigma de excelência. Ter esse tipo de parâmetro avaliativo reforça o esporte como um palco que poderíamos chamar de “malestream” ou seja:

No futebol internacional, essa ligação do esporte com a masculinidade do homem tornou-se a norma, particularmente quando o papel da mídia é levado em consideração. Esportes da corrente masculina principal [*Malestream sports*] tornam-se apenas isso quando atletas masculinos e seus corpos são glorificados pela mídia, enquanto atletas do sexo feminino são ignoradas ou mesmo repreendidas. (MOREIRA, 2014, p.504, tradução nossa)¹⁰

Ao ser chamada de rainha – seu mais famoso epíteto – também se insinua a sombra de Pelé. Entretanto, no Brasil, antes de Marta, tivemos a “rainha Hortência”, jogadora de basquete cujo apelido foi dado fora do Brasil em uma das conquistas da seleção brasileira feminina¹¹. O título rainha possibilita narrativas em que a mulher pode exercer o protagonismo¹², sem o imperativo de se recorrer constantemente à comparação com os

¹⁰ Original: “In international soccer, this binding of sport to male masculinity has become the norm, particularly when the role of the media is taken into consideration. ‘Malestream sports’ become just that when male athletes and their bodies are glorified by the media while female athletes are ignored or even chided”.

¹¹ Em depoimento ao programa Roda Viva, Hortência comenta o título de “rainha” surgido nos EUA, durante os jogos Pan-Americanos de 1987 no qual a seleção feminina conquistou a prata. Essa informação também consta no portal: <http://esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/43147-eua-se-rendem-ao-talento-de-hortencia>.

¹² Como rainhas muitas mulheres, historicamente, puderam governar cidades detendo um tipo de poder que era quase que exclusivo dos homens. No Egito, por exemplo, tivemos a precursora Rainha Hatshepsut, filha de Thothmes I. Ela foi a primeira mulher a conduzir um império na história da humanidade, o que ocorreu por volta de 1500 a.C. É de se destacar que em comparação com outras sociedades, no Egito, a mulher podia gozar de posição privilegiada em relação aos homens. Ver:

homens. Mas, é simplesmente pelo nome Marta que a mais importante atleta do futebol feminino no Brasil – e uma das principais do mundo – costuma ser referenciada nacionalmente. No exterior, o nome Marta conseguiu se fortalecer e viabilizar a moldagem de uma subjetividade própria, embora ainda limitada pelo fato de que grande parte das imagens das mulheres no esporte ainda sejam construídas *pelo e para* o olhar masculino (LINES, 2010, p.291).

Se, no Brasil, Marta conseguiu ganhar autonomia da lembrança de Pelé, não podemos dizer o mesmo em relação às comparações a Neymar, que foram constantes nos Jogos Olímpicos de 2016. Esse fenômeno se configurou numa espécie de “guerra dos sexos”¹³ entoada nas arquibancadas e encenada nas narrativas de importantes jornais do país. A possibilidade dessa encenação midiática se deu porque a seleção feminina consegue visibilidade apenas em competições que não são exclusivas dessa modalidade esportiva como é o caso dos Jogos Olímpicos e do Pan-Americano. Torneios dos quais a seleção masculina participa concomitantemente. Esse fato permite com que se possa construir as histórias dos jogos de ambas as equipes a partir da comparação entre as duas performances. Trata-se de uma competição discursiva em que as mulheres mais perdem do que ganham.

Marta versus Neymar. A “Guerra dos Sexos”

Nos Jogos Olímpicos de 2016, a seleção feminina de futebol iniciou sua participação antes mesmo da abertura do evento, diante de mais de 40 mil pessoas que foram ao Estádio Nilton Santos – o Engenhão –, assistir a Brasil 3 X China 0. Em sua segunda atuação, venceu a Suécia por 5 x 1, o que foi noticiado por *O Globo* como “Um passeio que leva o Brasil às quartas” (7 ago. 2016). Uma manchete hiperbólica que, à primeira vista, nos leva a imaginar que se trata de uma longa análise a respeito de um importante jogo das mulheres. Porém, trata-se de um brevíssimo texto. A maior parte da página é ocupada por uma ampla foto do jogador Neymar que acompanha a longa matéria “Decisão e tensão antes da hora” (7 ago. 2016). O assunto é a partida contra o Iraque

SOUZA, Aline Fernandes. A mulher-faraó. Representações da rainha Hatshepsut como instrumento de legitimação (Egito antigo – Século XV a.C). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Pós-Graduação em História. 2010.

¹³ A “guerra dos sexos” e outros significados dos Jogos Olímpicos de 2016. Apresentação oral proferida pelo Antropólogo Martin Curi, no Seminário Mulheres Esportivas, realizado no LEME – Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte. Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nov. 2017.

considerada fundamental de ser vencida, afinal a seleção masculina havia empatado sua primeira partida, jogando um futebol considerado medíocre.

O jogo Brasil X Iraque é peça importante desta análise, pois é nele que as comparações entre Marta e Neymar tomam mais consistência. O nome Marta foi gritado em coro por grande parte do público presente no estádio Mané Garrincha, em Brasília, o que o jornal *O Globo* interpretou como sendo um dos vários exemplos de constrangimentos passados pelos jogadores:

Ter piorado sua situação na primeira fase da Olimpíada é só a consequência esportiva imediata. A seleção perdeu o crédito com o público. Diante disso, perdeu a cabeça, o equilíbrio. No 0 a 0 contra os iraquianos, foi vaiada primeiro. Depois *foi humilhada* com gritos de “olé”, de “Marta” e um desfecho melancólico: gritos de “Iraque” em Brasília. (8 ago. 2016, p.12)

Se por um lado ter seu nome acionado pode ser compreendido como uma forma de elogio à Marta, por outro também podemos tomar essa atitude como um tipo de provocação a Neymar ao se insinuar que uma mulher deveria estar em seu lugar. Na crônica “Algo de podre”, Juca Kfoury destaca o fato de a seleção feminina ter virado um:

parâmetro para fustigar Neymar e companhia, principalmente ao fazer emergir o nome de Marta [...] Marta não gosta de ser comparada a Neymar. Porque ela sabe que o futebol entre as mulheres não tem nada a ver com os dos homens e, além disso e, além de tudo, afinal, ela é que foi eleita cinco vezes a número do mundo, razão mais que suficiente para ser incomparável. (9 ago. 2016)

A comparação entre Marta e Neymar ganha mais fôlego com a divulgação da imagem do menino Bernardo vestido com uma camisa da seleção masculina em que o nome de Neymar aparece riscado e, em seu lugar, surge o de Marta escrito à mão¹⁴. Esse episódio foi fartamente comentado, estimulando ainda mais a “guerra dos sexos”, sobretudo, nas redes sociais que se transformaram em uma arena de disputas de grupos que se manifestavam favoráveis e contrários à exaltação de Marta em detrimento de Neymar. O duelo digital, em grande medida, também dialogava com o turbulento contexto político da época¹⁵. Os bons resultados da seleção feminina e os fracos desempenhos da masculina balizaram o embate que no discurso da mídia esportiva foi recebido de modo variado e ambíguo

¹⁴ O nome do menino é Bernardo Sampaio Silva. Ele foi filmado por uma voluntária dos Jogos, vestindo uma camisa da seleção com o nome de Marta no lugar de Neymar, enquanto assistia a disputas de judô na arena Carioca 2. O vídeo com o depoimento de Bernardo pode ser acessado em:

<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/olimpiadas/2016/08/09/sai-ney-mar-entra-marta-menino-dono-de-camisa-e-fa-dos-dois-mas-pede-raca.htm>

¹⁵ Faz-se referência ao processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff que durante os Jogos se encontrava afastada do cargo, sendo substituída por seu vice, Michel Temer.

Na edição de *O Globo*, que foi às bancas no dia do jogo Brasil X Dinamarca, o caderno de Esportes faz a seguinte pergunta “Neymar vai virar Marta? É garantir a vaga ou mergulhar de vez na crise”. Novamente se desenha a comparação com a jogadora brasileira como algo negativo, fato que fica evidente quando continuamos a ler o texto e nos deparamos com o seguinte comentário: “A fase é tão ruim que após dois empates sem gols diante da África do Sul e Iraque, a torcida canarinho trocou de mal com a seleção. A ponto de Neymar *ter que ouvir*, a cada jogo, que Marta, do feminino, deveria assumir a camisa 10” (10 ago. 2016, p.8, grifo nosso). No dia seguinte o mesmo jornal afirmou que “Marta pede apoio também a Neymar” (11 ago. 2016, p.3). O texto era sobre a preparação da seleção feminina para a partida contra a Austrália, em que estaria em jogo a classificação para as semifinais da competição olímpica. Porém, a preocupação principal era com Neymar e as críticas das quais estava sendo alvo, ao ser comparado a Marta.

A *Folha de São Paulo* constrói narrativas menos superficiais, buscando em alguns momentos compreender as diversas questões suscitadas pelas constantes comparações entre Marta e Neymar. Em suas abordagens, ressalta-se a frequente menção ao carinho da torcida com a seleção das mulheres, especialmente, Marta: “Torcida consagra Marta em noite de goleada”, mais adiante destaca-se o bom público presente ao estádio e o fato de que “das arquibancadas, a camisa 10 da seleção feminina ouviu que joga mais do que o camisa dez da seleção masculina: ‘Ah, Marta é melhor que Neymar” (7 ago. 2016, p. B8). Dois dias depois, temos “Xodó da torcida, jogadoras ganham teto de 13, 5 mil por mês no Brasil (9 ago. 2016). Além de ressaltar a boa relação com os torcedores constrói-se uma matéria de que denuncia o abismo financeiro que separa as duas seleções, o que é reflexo da disparidade de estrutura das modalidades no Brasil e da desigualdade de tratamento de gênero no esporte.

Essa preocupação também se explicita na abordagem de outras modalidades como é o caso da matéria sobre a judoca Rafaela Silva, ganhadora da medalha de ouro, que havia sido vítima de ataques racistas na internet¹⁶. Para além desse preconceito, chama-se atenção para o fato de que “Rafaela Silva também enfrentou o machismo. Judoca medalha de ouro comenta as dificuldades para avançar no esporte” (10 ago. 2016). Nessa

¹⁶ Em 2012, nos Jogos Olímpicos de Londres, Rafaela foi eliminada logo na primeira fase da competição, após aplicar um golpe irregular. A falha técnica foi recebida com ofensas racistas, sendo chamada de “macaca” nas redes sociais.

mesma edição, destaca-se o fenômeno do “Feminismo Olímpico” (10 ago. 2016) que, segundo o jornal, havia sido despertado pelo sucesso do futebol feminino, pela medalha de ouro da judoca Rafaela Silva e pelo gesto do garoto Bernardo, acima mencionado. O feminismo olímpico se fazia notar nas diversas manifestações – sobretudo nas redes sociais – favoráveis a uma maior visibilidade e valorização da participação das mulheres nos Jogos de 2016 e por extensão ao esporte.

A imagem do menino Bernardo – acima mencionado –, ilustra o texto onde é citado seu interessante depoimento no qual afirma que “Marta é o símbolo do feminismo no Brasil” e que “Marta merece essa camisa muito mais que Neymar” (10 ago. 2016)¹⁷. É de se destacar também a crônica “Protagonismo das mulheres” de Edgar Alves, na qual destaca-se o fato de que desde os Jogos de Pequim 2008, os resultados mais relevantes do Brasil em Jogos Olímpicos tenham vindo de mulheres atletas competindo individual ou coletivamente. De acordo com o colunista, essa exitosa história é recente e foi possibilitada, em grande medida, pela participação das mulheres “que vem crescendo nas delegações nacionais a cada evento olímpico, destacando-se entre os países com maior número de atletas do gênero” (13 ago. 2016).

Entretanto essas abordagens sobre o futebol das mulheres não significam que a seleção masculina ficou em segundo plano. As menções aos gritos de “Marta” surgidas no meio dos torcedores nos jogos dessa seleção, também, são citadas como ocorre, por exemplo, quando se estampa na página de esportes “Aos gritos de Marta, Brasil empata de novo” (8 ago. 2016). Na sequência da matéria se afirma que: “No meio do jogo, os torcedores protestavam com ironia pedindo a entrada de Marta, craque da seleção feminina. As mulheres têm 100% de aproveitamento e já estão classificadas para as quartas de final”. Porém, no caso da *Folha*, é interessante notar que a comparação Marta x Neymar também é destacada quando feita pela torcida presente nos jogos da seleção feminina: “Torcida consagra Marta em noite de goleada do Brasil. Na vitória por 5 a 1 sobre o time da Suécia, no Engenhão, público grita que a camisa 10 é melhor que Neymar” (7 ago. 016).

É válido perceber que enquanto os torcedores dos jogos da seleção masculina gritam Marta, como um modo de provocar Neymar, o público da seleção feminina busca

¹⁷ O vídeo com o depoimento de Bernardo pode ser acessado em <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/olimpiadas/2016/08/09/sai-ney-mar-entra-marta-menino-dono-de-camisa-e-fa-dos-dois-mas-pede-raca.htm>

ressaltar a superioridade de Marta em relação a Neymar. Isso indica modos diferentes de apropriação do nome Marta, o que pode apontar para diferenças na composição e imaginários das assistências esportivas¹⁸. Aliás, o incentivo do público presente às partidas da seleção das mulheres é, frequentemente, destacado pela *Folha*, mesmo quando a atuação em campo não é boa: “Foram inúmeros chutes a gol, mas a bola insistiu em não entrar. Nada que fizesse com que os torcedores que compareceram na Arena da Amazônia desanimassem. Na saída as jogadoras foram aplaudidas e receberam o apoio dos manauaras” (*Folha de São Paulo*, 10 ago. 2016).

Uma das fortes motivações para que a imprensa esportiva atentasse para o duelo Marta x Neymar foi sustentado por campanhas simetricamente opostas, na primeira fase da competição. Enquanto a seleção das mulheres fazia bons jogos e vencia, a masculina decepcionava ao se classificar com dificuldade para as fases finais e por apresentar um desempenho não satisfatório. Porém, a trajetória de ambas as seleções muda¹⁹. Enquanto a feminina passa para as semifinais em jogo levado à decisão por pênaltis, a masculina engata um ritmo de ascensão vencendo a Colômbia, depois Honduras, chegando assim à final contra a Alemanha conquistando a medalha de ouro pela primeira vez na história. Essas trajetórias assimétricas despertaram novamente a “guerra dos sexos”, especialmente nas redes sociais, e foram abordadas de diferentes formas pelos jornais aqui analisados.

No jornal *O Globo*, a perda do jogo contra a Suécia nas semifinais foi noticiada como “Tristeza, silêncio e interrogação no horizonte” (17 ago. 2016). O fim da possibilidade de uma conquista do outro olímpico é visto não somente como uma derrota esportiva, mas como um resultado que pode desestimular o incentivo ao futebol

¹⁸ É válido considerarmos que gritar “Marta” na direção de Neymar pode ter como objetivo ofender o jogador. Diversos autores, já mostraram como é notável as manifestações de machismo nas torcidas presentes em estádios do Brasil (BANDEIRA, 2009). Machismo que se revela na tentativa constante de feminizar o seu oponente, como modo de diminuí-lo. O grito de “Marta é melhor que Neymar” aponta outra possibilidade de leitura, pois ao se fazer essa afirmação em um estádio onde Marta está jogando, pode significar não o desejo de ofender Neymar, mas sim a vontade de enaltecer Marta. Esse fenômeno aponta para a hipótese de que o público presente aos jogos das mulheres apresente um perfil diferente daquele que frequenta o dos homens. Por outro, persiste o problema a necessidade de comparação do desempenho da referida jogadora com um jogador.

¹⁹ A campanha da seleção feminina de futebol do Brasil foi: Brasil : China 3:0, Brasil : Suécia 5:1, Brasil : África do Sul 0:0, Brasil : Austrália 0:0 (7:6, Pênaltis), Brasil : Suécia 0:0 (3:4, Pênaltis), Brasil : Canadá 1:2, quarto lugar para o Brasil. A campanha da seleção masculina de futebol do Brasil foi: Brasil : África do Sul 0:0, Brasil : Iraque 0:0, Brasil : Dinamarca 4:0, Brasil : Colômbia 2:0, Brasil : Honduras 6:0, Brasil : Alemanha 1:1 (5:4, Pênaltis), Medalha de Ouro para o Brasil. Ou seja, a seleção feminina começou bem e não conseguiu o êxito esperado; a seleção masculina começou mal, mas conseguiu o ouro olímpico.

feminino, tanto por parte da CBF quanto dos torcedores de um modo geral. Após aquele resultado, a seleção somente será mencionada por conta de mais uma derrota, desta vez, para o Canadá e a consequente perda da medalha de bronze: “Bronze escapa e jogadoras brasileiras, apelam por apoio” (20 ago. 2016, p.8). A primeira página dessa edição é ocupada pela imagem da campeã, a Alemanha, que conquistou a medalha de ouro, vencendo a Suécia diante de um Maracanã lotado “O maraca é delas! Com título da Alemanha, recorde de público na semifinal e casa cheia na final, Rio-2016 consagra o estádio como palco do futebol feminino” (20 ago. 2016, p.8).

Após esse dia, o referido jornal não volta a falar sobre a seleção feminina. E se a atenção dada à masculina já era maior – mesmo nas derrotas – com as seguidas vitórias, as atenções dadas, sobretudo a Neymar, passam a monopolizar a cobertura dos Jogos. É notável uma espécie de apagamento tanto da figura de Marta quanto do próprio futebol feminino. E mais uma vez o resultado em campo se configura como fator fundamental para a construção das narrativas em torno da seleção masculina (COSTA, 2008). Se antes *O Globo* chegou a usar um tom alarmista ao dizer “Futebol à beira de uma tragédia” (8 ago. 2016), bastou vir a primeira vitória dos homens que o discurso ganhou tons exacerbados: “Do zero ao baile” (11 ago. 2016). Essas manchetes superlativas continuam até a conquista do ouro que é recebida como “Rei de ouros. Contra a Alemanha, nos pênaltis, *com arte de Neymar*. Assim o Brasil encerrou a maldição que durou 64 anos sem o título olímpico” (21 ago. 2016, grifos nossos).

Na *Folha de São Paulo*, a derrota para a Suécia foi noticiada como “Seleção repete roteiro sem gols, cai na semi e disputa bronze. Diante de 70 mil e sob sol forte no Maracanã, Brasil cai ante a Suécia nos pênaltis e desperdiça chance de ouro” (17 ago. 2016). Quando da perda da medalha de bronze, o jornal se propõe a uma análise sobre o futuro da seleção feminina de futebol partindo da hipótese de que “Nova geração da seleção feminina comprova que merece confiança” (20 ago. 2016, p.B7). A matéria atentava para a necessidade de se manter o investimento - ainda que considerado baixo - e a estrutura oferecida de treino para a seleção feminina, visando a preparação para próximos Jogos. Uma seleção que passava por um momento de transição, afinal, além da aposentadoria da volante Formiga, as atletas Marta e Cristiane não garantiam sua continuidade na seleção feminina.

A masculina, por sua vez, continuou a ser notícia em ambos os jornais mesmo após o término dos Jogos. Isso ocorreu não somente porque se estava às vésperas dos jogos

das eliminatórias da Copa do Mundo de 2018, mas porque a seleção masculina é sempre notícia. As atenções dadas às mulheres provocaram uma “desordem” que durou pouco, pois a conquista da seleção masculina reinstaurou a ordem predominante no futebol e que diz respeito ao privilégio da masculinidade como base a partir da qual a identidade futebolística nacional é construída (WOOD, 2018). A *Folha de São Paulo* fez uma cobertura da participação da seleção feminina de futebol mais cuidadosa e atenta às conexões entre o esporte e as reivindicações de igualdade de tratamento entre os gêneros, fenômeno que se estendem à sociedade como um todo. Porém, como mencionado acima, esse mesmo jornal pouco falou sobre o heptacampeonato das mulheres na Copa América Feminina, evento posterior aos Jogos Olímpicos.

O acionamento da comparação entre Marta e Neymar se mostra um fenômeno complexo que aponta para a valorização da atleta, sobretudo, quando se diz que “Marta é melhor que Neymar”, mas também aponta para o uso do nome dela como uma forma de provocar e ofender Neymar, o que se evidencia nas abordagens do jornal *O Globo*. De qualquer modo, é bastante questionável a insistência de grande parte da mídia esportiva brasileira em construir a imagem de Marta, a partir da memória dos homens (LINES, 2010), como ocorria quando se postulava que a jogadora era a “Pelé de saias”. É de se destacar, também, que a jogadora, embora frequentemente mencionada, não foi uma presença frequente nas fotografias que acompanharam a cobertura midiática aqui analisada. O oposto ocorreu com Neymar, onipresente tanto no texto escrito quanto nas fotos que buscavam traduzir os sentimentos de dor, preocupação e alegria que costumam dar o tom dos discursos emocionados que costumeiramente cercam as abordagens dos fatos esportivos ligados à seleção masculina.

A farta aparição midiática somada ao bom desempenho atlético são componentes fundamentais à construção do heroísmo nos esportes. Neymar possui essas condições. Marta e o futebol das mulheres, ainda não. Pelo menos no que se refere às narrativas da mídia esportiva no Brasil e às condições em que o futebol feminino se desenvolve por aqui. Na Suécia, por exemplo, Marta experimenta o heroísmo e a idolatria, o que se explica pelos exitosos anos jogados em clubes desse país como o [Umeå IK](#) (2004-2009), Tyresö FF (2012-2014) e FC Rosengård (2014-2017) e a razoável estrutura do futebol feminino nesse país. Suas aparições em jornais e programas televisivos voltados para o futebol é algo comum, afinal ela é considerada uma influente modelo de atleta, sobretudo, para as futuras jogadoras (RINGFJORD, 2012). No filme *Football for Better or for*

Worse que aborda o cotidiano do clube FC Rosengård, Marta é uma das protagonistas, aparecendo constantemente cercada de fãs em busca de autógrafo²⁰.

Apontamentos finais

Fazendo uso de uma acepção ampla, seria possível considerarmos Marta como alguém que carrega um tipo de heroicidade que as narrativas midiáticas ainda não incorporaram devidamente. Marta é nossa heroína trágica. E por um trágico compreendido não como sinônimo de uma história sem final feliz, mas como o gênero literário em que a mulher é a protagonista por excelência. Nascida do culto a Dioniso, é na tragédia que se encenam os questionamentos de uma sociedade em transição como é o caso da Grécia do século IV (VERNANT, 1999). A tragédia grega pode ser considerada “uma das formas de expressão do fenômeno grego do heroísmo feminino” (BERQUÓ, 2015, p.19), pois herda a memória de importantes mulheres da mitologia cuja história incomum havia sido imortalizada pela tradição. Elas foram objeto de culto religioso e suas histórias foram contadas e recontadas ao longo de gerações.

A heroína trágica é uma desafiadora da ordem, sobretudo, a patriarcal. E esse parece ser o tipo de heroísmo encarnado por Marta se a pensarmos como uma atleta cuja carreira por si só questiona e desestabiliza o privilégio da masculinidade no futebol. Embora seu poder não tenha forças para fazer desmoronar a ordem estabelecida, podemos dizer que seus atos conseguem perturbá-la e fomentar profícuas incertezas e aberturas para novas perspectivas de mundo. Marta detém o recorde – tanto entre homens e mulheres – de premiação como a melhor futebolista do mundo, ganhando por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva. Em 2014, foi uma das embaixadoras da Copa do Mundo, nos Jogos 2016 esteve entre as oito personalidades esportivas a conduzir a tocha olímpica durante a abertura desse evento no Maracanã. Marta nos jogos de 2016, encarnou a reivindicação por um tratamento mais igualitário entre homens e mulheres no futebol. Façanhas como essas podem ser considerados heroicas por si só.

Mas em se tratando de um esporte imerso em um contexto de um “global media-sport complex” (MAGUIRE, 2011) em que as figuras de heróis e ídolos são elementos

²⁰ *Football for Better or for Worse* (Futebol para melhor ou para pior), dirigido por Inger Molin. Nesse filme evidencia-se a popularidade do futebol feminino na Suécia, o que não necessariamente se traduz em rendimentos financeiros satisfatórios. A idolatria em torno de Marta é grande perdendo apenas para a atenção despertada por Therese Sjögran, ex-capitã da seleção sueca e jogadora do Rosengard por 13 anos e que durante as filmagens ocupava um cargo na gerência do clube.

fundamentais, faz-se necessário que também existam heroínas. Heroínas mais próximas do épico e que cumpram o papel de representante dos anseios de uma comunidade, pois essa parece ser a tipologia de heroísmo mais comum no esporte.

Se adaptarmos as ideias de Campbell, poderíamos dizer que a “jornada da heroína”²¹ de Marta foi em parte traçada. Ainda quando criança, em Dois Riachos, sua cidade natal, Marta chegou a levar surras da mãe e do irmão que não gostavam de vê-la jogando futebol. Com 14 anos, Marta se aventurou no Rio de Janeiro, passando por diversos obstáculos até ser transferida para a Suécia onde começa e se consolida sua carreira internacional. Porém, o início da jornada da heroína marca uma diferença em relação à masculina:

Another major difference between the feminine and masculine journeys is one of support. The male hero is genuinely supported by the group and by society in general when he leaves to embark on his journey. The female hero isn't genuinely supported in her effort to leave her community and embark on a journey. Think of the woman who leaves her husband and home to start a new life — Edna in Kate Chopin's *The Awakening* or the woman who picks up a gun because she wants to fight in a war in *G.I. Jane*. (SCHMIDT, 2001, p.204)
²²

Ainda assim, nada impede que seu retorno à comunidade seja desejado. E ainda falta esse momento. Pela seleção brasileira, Marta ainda não “concedeu a dádiva a seus semelhantes” (HELAL, 2001, p.154) que é o momento fundamental da narrativa heroica esportiva. Essa dádiva seria a conquista do título de um importante torneio. A Copa do Mundo de 2019 foi mais uma oportunidade perdida. A seleção foi eliminada nas oitavas de final. É de se destacar que esse evento foi pela primeira vez transmitido pela emissora mais popular do país, a Rede Globo, recebendo uma notável visibilidade midiática. Em 2020 será a vez dos Jogos Olímpicos e não há certeza sobre a participação da jogadora na seleção. Seria mais uma chance para Marta completar sua jornada de heroína.

Porém, mesmo que Marta consiga essa glória, nada nos garante que a jogadora possa ser narrada como uma heroína nacional pela mídia esportiva. As identidades nacionais ainda são construídas sendo balizadas por atributos considerados como próprios dos

²¹ Há tentativas de se traçar uma “jornada da heroína”, como é o caso de Maureen Mursock, *The Heroine's Journey*. Colorado: Shambhala Publications, 1990. O livro parte de uma adaptação das ideias de Joseph Campbell.

²² *The Awakening* (O despertar) escrito em 1899 pela americana Kate Chopin, conta a história de uma mulher que gradativamente se volta contra as convenções sociais de sua época. *G.I. Jane* é o título original de “Até o limite da honra”, filme estrelado por Demi Moore e dirigido por Ridley Scott em 1997. Nele, a protagonista Jordan O'Neil participa de um desgastante e humilhante treinamento para conseguir o direito de ingressar nas forças armadas norte-americanas

homens. E se a figura heroica representa uma comunidade, há de se perguntar se um dia essa comunidade imaginada chamada Brasil se deixará ser representada por uma mulher.

Referências Bibliográficas

- ANDREWS, David; JACKSON, Steven. **Sports Stars: The cultural politics of sporting celebrity**. Londres: Routledge, 2001.
- ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- BANDEIRA, Gustavo. **Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração: Currículo de masculinidades nos estádios de futebol**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BERQUÓ, Thirzá Amaral. **Mulheres indômitas: as heroínas da tragédia grega**. 2015. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo? Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. v.3. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- COSTA, Leda M. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- COSTA, Leda Maria da. **Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse**. *Soccer and society*, 15(1), p.81-92, 2014.
- COSTA, Leda Maria da. **O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980**. *Revista do Acervo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n.13, 2017.
- DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- ELIADE, Mircea. **Historia de las creencias y las ideas religiosas**. De la Edad de Piedra a los Misterios de Eleusis. v.1. Barcelona: Paidós, 1999.
- ESQUEDA, Martha Santillán; Guntúss, Fausta. **Fútbol femenino en México, una percepción de género a través de la prensa al inicio de los años setenta**. *Esporte e Sociedade*. ano 5, n. 15, jul./out. 2010.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- RINGFJORD, Britt-Marie. **Learning to Become a Football Star. Representations of Football Fan Culture in Swedish Public Service Television for Youth**. In: KRØVEL, Roy; ROKSVOLD, Thore. **We love to hate each other: mediated football fan culture**. Göteborg: Nordicom, 2012.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.
- GUMBRECHT, Hans. **Elogio a la belleza atlética**. Buenos Aires: Katz, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARGREAVES, J. **Sporting Females**. Londres: Routledge, 1994.
- HELAL, R. **Cultura e Idolatria: ilusão, consumo e fantasia**. In: ROCHA, Everardo (Org.) *Cultura e Imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

- HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 2, 2009.
- HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). **Mídia, Memória e Celebidades**: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.
- JANUÁRIO, Soraya Barreto. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. **FuLiA / UFMG**, v. 2, n. 1, jan./abr. 2017.
- LESSA, Fábio de Souza. **Mulheres de Atenas**: MéliSSa – do Gineceu à Agorá. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- LINES, Gill. Villains, fools or heroes? Sports stars as role models for young people. **Leisure Studies**, 2010.
- MAGUIRE, Joseph A. The global media sports complex: key issues and concerns. **Sport in Society**: Cultures, Commerce, Media, Politics, 2011.
- MOREIRA, Robert P. Marta past Messi: (re)definitions of gender and masculinity, patriarchal structures and female agency in international soccer. **Soccer & Society**, 15:4, p.503-516, 2013.
- MORIN, Edgar. **As Estrelas de Cinema**. Lisboa: Horizonte, 1980.
- MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: O discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira Ciências Deporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p.73-86, jan. 2005.
- NADEL, Joshua. The Antinational Game? an Exploration of women’s soccer in latin america. In: L’HOESTE, Héctor Fernández; IRWIN Robert; POBLETE, Juan. **Sports and nationalism in latin/o america**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2015.
- NERY JUNIOR, Elinaldo Ribeiro. **Mudanças no comportamento do consumidor do sexo feminino perante o MMA**: Principais motivações e influências para a mudança da percepção das mulheres sobre o esporte. 2016. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SCHMIDT, Victoria. **45 Master Characters**: Mythic Models for Creating Original Characters, Ohio: Writers Digest Books, 2001.
- STEVENSON, Deborah. Women, Sport, and Globalization: Competing Discourses of Sexuality and Nation. **Journal of Sport & Social Issues**, v.26, n.2, p.209-225, mai. 2002.
- VERNANT, Jean Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- WHANNEL, Garry. **Media Sport Stars**: Masculinities and moralities. Londres: Routledge, 2002.
- WOOD, David. The Beautiful Game? Hegemonic Masculinity, Women and Football in Brazil and Argentina. **Bulletin of Latin American Research**, v.37, n. 5, p.567–581, 2018.